

Resumo de notícias econômicas

05 de Agosto de 2021 (quinta-feira)

Ano 3 n. 147

Núcleo de Inteligência da Sedet



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TRABALHO

PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 05 DE AGOSTO DE 2021

Inflação ‘persistente’ leva Selic a 5,25%

O Estado de S. Paulo

O Banco Central admitiu que a escalada da inflação “continua se revelando persistente” e decidiu ontem elevar a Selic em 1%, de 4,25% para 5,25% ao ano. Esta foi a quarta alta consecutiva dos juros. O Copom citou em comunicado o “risco fiscal elevado” e informou que entre os motivos da decisão está a “sustentabilidade das contas públicas”.

Após insistir durante meses no discurso de que a escalada da inflação era temporária, o Banco Central admitiu ontem que a alta dos preços “continua se revelando persistente”. Para tentar segurar a inflação, o Comitê de Política Monetária (Copom) do BC decidiu acelerar o ritmo de alta da Selic e anunciou um aumento de 1 ponto porcentual, de 4,25% para 5,25% ao ano.

Esta foi a quarta alta consecutiva dos juros, sendo que nas três decisões anteriores o BC havia subido a taxa em 0,75 ponto porcentual. Há 18 anos, desde fevereiro de 2003, os juros não subiam de uma só vez 1 ponto. Mais do que acelerar o processo, o BC já sinalizou que em setembro aplicará aumento na mesma magnitude, para 6,25% ao ano.

Na economia, manter os juros em patamares mais altos é uma estratégia para controlar o avanço da inflação. No entanto, taxas elevadas significam que o custo para a tomada de crédito também tende a crescer – justamente em um momento em que a atividade econômica tenta se recuperar da crise provocada pela pandemia do novo coronavírus.

Desde o segundo semestre do ano passado, a alta dos valores das commodities no mercado internacional – como soja e milho – tem elevado o custo dos alimentos no mercado interno. Para piorar, os preços dos combustíveis também vêm contribuindo para o avanço do IPCA – o índice oficial de inflação, que nos 12 meses até junho subiu 8,35%. Mais recentemente, a estiagem em diversas regiões do País elevou os custos da

energia elétrica, enquanto a geada provocada pelo frio aumentou a pressão sobre os alimentos.

Este conjunto de fatores fez o BC mudar sua avaliação. Em maio, a instituição ainda defendia a ideia de que os choques de preços de alimentos e energia elétrica eram “temporários”. No comunicado de ontem, no entanto, a instituição traçou um cenário mais pessimista. “A inflação ao consumidor continua se revelando persistente. Os últimos indicadores divulgados mostram composição mais desfavorável”, reconheceu o BC – que destacou ainda a maior pressão na área de serviços, com o fim das medidas de restrição social.

Outro fator que vem sendo citado pelos economistas do mercado financeiro foi mencionado pelo BC: as contas públicas. No comunicado, o Copom voltou a dizer que o “risco fiscal elevado” é um fator para o aumento de preços no Brasil. Desde a semana passada, a visão no mercado financeiro é de que o risco fiscal aumentou após o Ministério da Economia ter dito que não há espaço, no Orçamento, para o pagamento de R\$ 90 bilhões em precatórios em 2022. A ideia do governo é propor parcelamento de uma parte desses débitos em até dez anos.

“As fortes pressões inflacionárias recentes, especialmente aquelas provenientes da crise hídrica, recomendavam uma atuação mais firme da autoridade monetária”, disse o economista-chefe da corretora Órama, Alexandre Espirito Santo, que também citou os “ruídos fiscais”.

No comunicado, o BC também atualizou seus cálculos para a inflação. A projeção para o IPCA de 2021 passou de 5,8% para 6,5%. O percentual está bem acima dos 3,75% perseguidos pela própria instituição. No caso de 2022, a expectativa seguiu em 3,5% – exatamente na meta buscada.

Facebook corre atrás de rivais para reconquistar criadores de conteúdo

Reuters

Depois de ter sido berço de memes famosos e grandes tendências nas redes sociais, o Facebook ficou para trás nos últimos anos. Com o aumento da popularidade de plataformas como YouTube, TikTok e outros rivais, muitos criadores de conteúdo – que produzem e lucram com suas publicações na internet – migraram para serviços que

investiram cedo em ferramentas digitais para influenciadores e ofereceram a eles maneiras de ganhar dinheiro com suas produções. Agora, mesmo atrasada, a empresa de Mark Zuckerberg quer entrar no jogo. Chris Cox, diretor de produto do Facebook, acompanhou com surpresa como o Instagram ganhou vida de maneiras que ele não tinha visto antes. Enquanto os jovens buscavam maneiras de se expressar digitalmente na pandemia. Para atrair a próxima geração de estrelas virais, o Facebook investirá milhões de dólares nos principais influenciadores para que eles usassem seus produtos. E ajustou seus maiores aplicativos para se igualar aos concorrentes. Em junho, a empresa organizou a “Creator Week” para os influenciadores. Mark Zuckerberg, disse que quer “construir a melhor plataforma para milhões de criadores trabalharem”.

Conquistar os criadores de conteúdo ajuda o Facebook a recuperar a empolgação e a capturar conteúdos divertidos, sobretudo depois de ter enfrentado repetidamente críticas por espalhar desinformação, discurso tóxico e postagens políticas, que afetam o bem-estar das pessoas. Quanto mais os criadores publicam vídeos, fotos e postagens populares no Facebook e em seus aplicativos, aumenta-se a chance de usuários retornarem à rede social. E, quando a empresa, em algum momento, solicitar uma redução nos rendimentos dos criadores, isso talvez adicione uma fonte de renda potencialmente lucrativa.

No entanto, não será fácil reconquistar os criadores, que cada vez mais têm diferentes opções de redes sociais. Além de YouTube e TikTok, outras plataformas estão correndo atrás dos influenciadores. Em novembro passado, o Snapchat começou a pagar até US\$ 1 milhão por dia para criadores de conteúdo usarem sua plataforma. O Twitter, por sua vez, adicionou uma ferramenta para gorjetas e em breve permitirá que os criadores cobrem uma taxa de assinatura mensal e limitem o acesso ao conteúdo produzido a quem paga por ele.

“Todas as principais plataformas perceberam que a relação de valor vem dos criadores que produzem conteúdos que fazem as pessoas continuarem voltando às redes”, disse Li Jin, fundadora da Atelier Ventures, empresa de capital de risco focada na economia do criador. Uma questão tanto para o Facebook quanto para o Instagram é que as postagens e vídeos de um usuário são veiculados apenas para quem o segue, o que significa que conquistar um público com o qual se possa lucrar pode levar anos. O

Facebook tem mais de 3 bilhões de usuários em todo o mundo. Portanto, destacar-se na multidão não é tarefa fácil. De outro lado, o TikTok tem um algoritmo de descoberta que permite que novos usuários sem seguidores publiquem facilmente um vídeo – e ele é exibido imediatamente para milhões de usuários.

O Facebook está promovendo ferramentas como assinaturas mensais de páginas de influenciadores, inclusão de anúncios em vídeos curtos e transmissões ao vivo. Zuckerberg prometeu que a companhia não terá uma parte dos lucros dos criadores na plataforma até, no mínimo, 2023. A rede social está desenvolvendo produtos para atrair todos os tipos de criadores de conteúdo. Foi lançado um serviço de boletins informativos que pretende atrair escritores e autores independentes. A empresa anunciou um recurso de conversas por áudio ao vivo com fãs e seguidores.

Investidores do Vale miram mercado de influenciadores

Reuters

Geralmente jovens e nativos digitais, os criadores de conteúdo são pessoas que conquistam público na internet e encontram uma maneira de ganhar dinheiro com essa audiência. A atividade aos poucos virou profissão, e os grandes investidores do Vale do Silício cada vez mais veem os influenciadores como a próxima fonte financeira a ser explorada no mundo digital. A chamada economia do criador, que oferece ferramentas digitais para influenciadores e os ajuda a administrar seus negócios, é um mercado enorme e pouco explorado. A empresa de capital de risco SignalFire estima que 50 milhões de pessoas no mundo se consideram criadores de conteúdo, enquanto o site de notícias de tecnologia The Information calcula que as empresas de capital de risco investiram US\$ 2 bilhões em 50 startups focadas em criadores de conteúdo até agora.

Em meados de julho de 2020, Tucker Schreiber, de 28 anos, cofundador de uma startup chamada Combo, sentiu esse movimento. A empresa trabalhava no desenvolvimento de uma plataforma de edição de vídeo, e Schreiber percebeu que estavam chegando mais emails em sua caixa de entrada. Embora sua empresa não tivesse funcionários ou produtos, e nem estivesse buscando dinheiro, investidores estavam enviando uma enxurrada de mensagens. “Comecei a receber de cinco a dez e-mails por dia diretamente de investidores”, disse.

O crescimento da economia do criador mostra uma renovação no interesse pelas redes sociais entre os investidores de risco, que durante anos pensaram não haver sentido em procurar novas apostas frente ao sucesso de Facebook e Snapchat, que dominaram o mercado – o TikTok, porém, derrubou essa crença.

O interesse pode oferecer legitimidade ao que alguns ainda pensam ser um negócio marginal. Isso também pode mostrar que esse mundo crescente de dancinhas, bate-papo e comédia é mais do que uma cultura jovem efêmera.

Apostas. Mas, como diz o ditado, em vez de dar o peixe, é melhor dar instrumento para pescar. O Vale do Silício parece muito mais interessado nas ferramentas e plataformas digitais usadas pelos criadores de conteúdo do que em investir diretamente neles.

No mês passado, por exemplo, a empresa de capital de risco Founders Fund liderou uma rodada de investimentos de US\$ 15 milhões na Pietra, uma startup que tem como objetivo ajudar influenciadores a lançar linhas de produtos. Em abril, a Seven Seven Six, uma empresa de capital de risco dirigida por Alexis Ohanian, cofundador do Reddit, e a Bessemer Venture Partners anunciaram um investimento de US\$ 16 milhões na PearPop, uma plataforma que ajuda os criadores a monetizar suas colaborações e interações nas redes sociais. O Dispo, aplicativo de compartilhamento de fotos que imita a experiência de câmeras digitais, recebeu US\$ 4 milhões em um aporte liderado pela Seven Seven Six e uma rodada adicional de US\$ 20 milhões da Spark Capital.

Serviços de assinatura como OnlyFans e Patreon, nos quais os fãs pagam aos criadores pelo acesso ao conteúdo premium, também ajudaram os investidores a perceber que existia espaço no mercado. Entretanto, embora os investidores estejam correndo para colocar seu dinheiro em startups voltadas para as redes sociais, não é tão óbvio se alguns dos aplicativos no mercado vão durar. O Dispo enfrentou uma reação negativa em março após um de seus cofundadores, a estrela do YouTube David Dobrik, ser envolvido em uma polêmica por acusações de abuso sexual contra uma integrante do Vlog Squad, grupo de pessoas que participavam dos vídeos produzidos por ele. Logo em seguida, a Spark Capital disse que cortou todos os laços com a empresa. Já a Seven Seven Six disse que doaria os lucros a uma organização que trabalha com vítimas de abusos sexuais.

Cresce demanda por produtos biodegradáveis

O Estado de S. Paulo

Estudos da empresa global de pesquisas Kantar NS mostram que a preocupação da população mundial com sustentabilidade é cada vez maior. Enquanto 86% dos consumidores querem a redução do desperdício de alimentos, 74% buscam consumir menos embalagens e 72% preferem as biodegradáveis.

De acordo com Sandro Alencar Fernandes, diretor da Associação Brasileira dos Agentes Digitais (Abradi), o que define se uma embalagem é biodegradável é sua decomposição ocorrer naturalmente, por meio da ação de bactérias, algas e fungos, por exemplo. “Muitas embalagens possuem tempo de decomposição acima de 100 anos e outras podem superar os 500”, diz.

Exemplos disso são os plásticos, que podem demorar até 450 anos para se decompor no ambiente, e as fraldas descartáveis – até 600 anos. “No caso dos biodegradáveis, com base em fibras, polpas vegetais e materiais naturais, esse tempo é reduzido a meses.”

Uma preocupação, no entanto, é que esses materiais biodegradáveis não necessitem de condições especiais para degradar, podendo ser compostados domesticamente. Foi pensando nisso que o time de inovação da Camargo Cia. de Embalagens, fábrica de embalagens laminadas flexíveis com sede em Tietê (SP), desenvolveu seu primeiro produto flexível compostável. Segundo o diretor, Felipe Toledo, o filme utilizado vem da polpa da celulose – recurso renovável com características visuais e técnicas semelhantes ao do plástico.

Com um crescimento de 17,5% no faturamento de 2019 para 2020, a Camargo virou fornecedora, por exemplo, da AMMA, fabricante de chocolates orgânicos, que adotou as novas embalagens vegetais compostáveis, substituindo o plástico. Depois do consumo, elas se biodegradam em até 180 dias, seja em usinas de compostagem ou na compostagem doméstica.

Plantar o que poderia ser lixo foi também a sacada da carioca Papel Semente, que produz um papel artesanal, ecológico e reciclado no qual coloca sementes de flores, hortaliças e temperos. “Já batemos quase 100 toneladas de papel reciclado, ou seja, foram mais de 2 mil árvores poupadas desde que começamos, 12 anos atrás”, afirma Luis Felipe Di Mare.

De 2019 para 2020, a Papel Semente aumentou em 50% o número de empregados. Com o produto da empresa, as marcas fazem cartões, tags e embalagens que carregam sementes de uma linha gourmet (rúcula, agrião, mostarda, pimenta) ou da linha de flores, cujos carros-chefe são cravo francês e margarida. O papel que eles usam como matéria-prima é comprado de cooperativas de catadores. “Tem também isso de gerar valor para a comunidade, de ajudar vidas humanas mesmo, que sobrevivem de catar os resíduos”, observa Di Mare, que também dá dicas práticas para o plantio pós-uso. “A gente usa o slogan ‘pique, molhe e plante’, e é isso mesmo. Basta a pessoa picar o papel sem danificar as sementes, umedecer e plantar. O papel vai se desfazer e a semente vai criar força e penetrar na terra para crescer”, diz.

Um material leve, que faz isolamento térmico e absorção acústica, tem resistência mecânica, não pega fogo e é rapidamente biodegradável em terra, areia, água doce ou salgada, com decomposição em até 28 dias. Essa foi a descoberta da startup paranaense Mush, dos engenheiros Eduardo Sidney, Leandro Oshiro e Antonio Carlos de Francisco, que recentemente recebeu um aporte da aceleradora Venture, captando R\$ 600 mil na primeira rodada de negócios, e planeja o início das vendas para setembro.

A tecnologia desenvolvida pela empresa utiliza resíduos do agronegócio e do processamento de alimentos – cascas de plantas, palha, bagaços e serragem – como nutrientes e suporte para o crescimento de um fungo que funciona como uma cola natural. “À medida que ele vai crescendo, ele agrega essas partículas e forma um bloco no final”, explica Sidney, responsável pelo desenvolvimento de bioprocessos. “Esse bloco é altamente customizável porque é produzido em moldes, então, adquire o formato que eu colocar.”

A Mush trabalha com duas linhas de produtos. Uma é no setor de acústica e a outra, que eles estão buscando em parceria com o Braskem Labs, é no desenvolvimento de embalagens secundárias – aquelas protetivas, que não entram em contato direto com os produtos.

Com crescimento de 285% no faturamento entre o primeiro semestre de 2020 e o mesmo período de 2021, a Desembala, nascida em Itajubá (MG), apostou em duas frentes para transformar o consumo de produtos de limpeza. “Em 2018, comecei a

estudar a cadeia de limpeza porque envolve um volume gigantesco de embalagens extremamente robustas que a gente compra para usar o produto uma única vez e depois joga fora”, diz a engenheira de produção Cilene Monteiro, fundadora da startup. “Lembrando que 90% do que está dentro dos produtos convencionais é água, a gente basicamente carrega água para lá e para cá, para descartar os frascos após 15 ou 30 dias.” Após fazer um MBA voltado a colocar em prática os preceitos da economia circular, ela buscou uma solução que considerasse tanto uma matéria-prima que não agride o meio ambiente e a pele quanto a questão das embalagens. A Desembala oferece borrifadores plásticos que são reutilizados pelo consumidor por um longo tempo e produtos de limpeza concentrados em sachês que se dissolvem totalmente na água.

Crescimento de demanda por insumos biológicos

Broadcast

A Korin Agricultura e Meio Ambiente, de insumos biológicos, projeta crescer 35% em faturamento na safra 2021/2022, após ter avançado 50% no ciclo 2020/2021. “Consumidores estão mais exigentes quanto à sustentabilidade, ao mesmo tempo em que agricultores precisam elevar a produtividade”, diz Sérgio Homma, CEO da empresa, sem abrir valores. As lavouras de grãos, especialmente no Centro-oeste, são o principal mercado.

A linha agrícola, de conservação e melhoramento do solo, lidera as vendas, contribuindo com dois terços do faturamento anual. Mas os bioinsumos de nutrição animal, inseridos no mercado em 2020 e voltados à pecuária e piscicultura, também devem crescer em vendas. “São produtos ainda em experimentação, com 3% da receita”, diz Homma. A partir de 2022, a previsão é de que a linha para o segmento animal seja responsável por 35% a 40% do faturamento. “Há maior procura por carnes produzidas de forma sustentável.”

No ano passado, a Korin aportou cerca de R\$ 3 milhões na operação. A maior fatia foi para a construção de uma fábrica em Ipeúna (SP), que quadruplicou a capacidade de produção. Neste ano, outros R\$ 3 milhões devem ser aplicados em melhorias na planta e em pesquisa e desenvolvimento de biotecnologias. Para o ano que vem, a meta é investir cerca de R\$ 6 milhões no laboratório e na linha fabril.

Expansão do setor de inteligência de dados no Agro

Broadcast

A 4intelligence, startup de inteligência de dados, quer ampliar a participação no setor agropecuário neste ano de 10% para 20%. “Atuamos com soja e milho e estamos expandindo para algodão e cana-de-açúcar” diz Bruno Rezende, o CEO. No agro, a maior parte da receita deve vir de uma ferramenta de monitoramento de plantio e colheita de grãos. A expectativa é atingir faturamento total de R\$ 13,7 milhões, ante R\$ 3,5 milhões em 2020.

Para sustentar o crescimento, a 4intelligence vai investir R\$ 3 milhões até dezembro em soluções voltadas ao agronegócio. A empresa aplica suas tecnologias em previsão de safra por meio de cruzamento de algoritmos e imagens de satélites e em suporte a crédito rural com monitoramento de garantias das propriedades rurais. VLI Logística, M. Dias Branco e Bradesco estão entre os clientes da startup.

Vai as Compras

Broadcast

Logo após chegar à B3, a Multilaser anuncia sua primeira aquisição. Especializada em eletroeletrônicos e informática, a empresa comprou a Expet, marca de tapetes higiênicos para animais de estimação com pegada tecnológica. A Multilaser não divulgou o valor do negócio, mas a Coluna apurou que teriam sido cerca de R\$ 8,5 milhões.

A aquisição, de menor porte, já vinha sendo negociada antes do IPO e não usou os recursos captados na Bolsa. Com o caixa fortalecido, a companhia deve anunciar mais compras daqui para frente. Os planos para o segmento pet incluem o lançamento de linha própria, a Mimo, com produtos mais tecnológicos - como guias retráteis com freio ABS - e o licenciamento de brinquedos educativos Fisher-price para animais.

Números do encolhimento do setor industrial

Broadcast

O setor industrial está encolhendo. O número de empresas industriais em operação caiu de 334.976, em 2013, para 306.345, em 2019, de acordo com a Pesquisa Industrial Anual – Empresa (PIA), do IBGE. É uma redução de 8,6%, puxada sobretudo pela diminuição do número de indústrias de transformação, que formam a ampla

maioria das empresas industriais do País (97,9% do total; o restante é formado por indústrias extrativas).

A queda do número de empregados é ainda mais notável. Em seis anos, as indústrias perderam 1,4 milhão de empregos. O total de empregados caiu de 9,0 milhões, em 2013, para 7,6 milhões, em 2019. É uma redução de 15,6%. Pouco dessa perda de empregos poderá ser justificado por fatores positivos do ponto de vista da eficiência da economia brasileira, como modernização do parque produtivo, utilização mais intensa de novas tecnologias, automação e inovação. Ainda que fatores como esses possam ter estado presentes em alguns segmentos específicos nos últimos anos, eles não resultaram em ganhos de eficiência notáveis para todo o setor industrial. Assim, a redução da fatia da indústria no PIB, tendência observada em muitos outros países, parece mais acentuada e mais precoce no Brasil.

A receita líquida de vendas da indústria alcançou R\$ 3,6 trilhões em 2019. Desse total, as indústrias extrativas responderam por 6,1%. É uma fatia maior do que a do número de empresas desse segmento no total industrial, porque entre elas estão gigantes dos setores de petróleo e de mineração. O destaque, assim, é para o desempenho dos setores de extração de petróleo, gás natural e minerais metálicos.

Entre as indústrias de transformação, consolidou-se a posição das de produtos alimentícios, que respondem por 20,5% do faturamento total desse segmento. Ao crescimento e à consolidação da participação da indústria de alimentos vem correspondendo a redução da presença da indústria de veículos. Entre 2010 e 2019, sua participação na receita líquida da indústria caiu da segunda para a quarta posição.

Quanto a salários, os mais altos são pagos pelas indústrias extrativas, com média de 4,6 salários mínimos. Mas essa média é mais de 20% menor do que a de 2010.

Horário de verão pode voltar, diz Bolsonaro

Folha de São Paulo

O presidente Bolsonaro sinalizou ontem, pela primeira vez, que pode voltar a implementar o horário de verão para lidar com a crise hídrica do País. Ele afirmou que, mesmo sendo contra a medida, se a população mudar de opinião sobre o tema, ele “segue a maioria”. “Se a maioria da população quiser a volta, eu posso fazer isso aí.”

De acordo com o presidente, a falta de apoio popular seria um dos motivos que pesam contra a retomada da medida, já que, até o momento, ele vê que a maioria da população continuaria contrária à implementação do horário de verão. “No momento, não tem apoio popular, para a gente voltar o horário de verão.” O horário de verão foi extinto por Bolsonaro em abril de 2019. O estudo usado como argumento pelo governo apontava que mudanças nos hábitos do consumidor e o avanço da tecnologia reduziram a economia de energia ao longo dos anos. O ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, afirmou que não havia nenhum movimento para o retorno da medida. Contudo, pressionado pela crise hídrica e por diversos setores produtivos, o governo decidiu reavaliar os impactos da medida e pediu ao Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) que atualizasse os estudos sobre o tema.

Para o coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Nivalde de Castro, a decisão não pode ter caráter “populista”. “Para nós, se trata de questão técnica.”

CVM cria área para avaliar reclamações por perdas na Bolsa

O Globo

Com a disparada de recursos de investidores pedindo ressarcimento de prejuízos na Bolsa de Valores, a CVM decidiu criar uma área específica para tratar do assunto. A autarquia também lança uma cartilha para orientar os investidores sobre como obter o ressarcimento.

A CVM recebeu no primeiro semestre deste ano 100 recursos de investidores solicitando acesso ao Mecanismo de Ressarcimento de Prejuízos (MRP), que assegura ressarcimento de até R\$ 120 mil por prejuízos por erros ou omissões de intermediários. Trata-se de uma alta de 810% ante o mesmo período do ano passado. Bruno Baitelli Bruno, gerente de estrutura de mercado e sistemas eletrônicos da CVM, explica que a criação da Seção de Mecanismos de Ressarcimento, que ficará vinculada à Superintendência de Mercados Intermediários (SMI), vai agilizar a análise dos pedidos. Existe hoje um estoque de 137 processos para serem avaliados – 60% das solicitações são de 2021.

“No primeiro momento, pensamos que era um choque, alguma demanda reprimida ou pontual. Depois percebemos que não era um choque, mas estrutural. Por

isso, estudamos formas de alterar dinâmicas internas e as estruturas, para corresponder e tratar esses processos num prazo razoável para o investidor”, disse Bruno.

A nova área da CVM terá inicialmente apenas dois funcionários dedicados ao tema. Atualmente, as avaliações são feitas por funcionários de duas gerências ligadas à SMI, que acumulam outras funções. Bruno acredita que a avaliação dos pedidos deve ser realizada, em breve, em até seis meses. Hoje, em média, leva-se de seis a sete meses para se ter uma resposta.

Com o grande crescimento do número de investidores pessoas físicas na Bolsa de Valores, que se aproxima de 4 milhões, as queixas de prejuízos também tiveram forte alta. Os casos mais comuns envolvem ordens de compra ou venda que acabaram não sendo cumpridas corretamente, por falhas humanas ou da plataforma das corretoras.

Mantido pela B3, controladora da Bolsa, o MRP é inicialmente solicitado para a BSM, braço autorregulador do mercado de capitais. Se o pedido do investidor for negado, ele pode recorrer da decisão à CVM. Segundo Bruno, 90% dos pedidos de recursos acabam negados pela autarquia. Por isso, a autarquia lançou a cartilha orientando os direitos dos investidores.

Outra iniciativa da CVM para agilizar as análises do MRP, divulgada recentemente, foi a edição de uma resolução, temporária e experimental, que muda a forma como os pedidos de recursos são avaliados na autarquia. A resolução concedeu mais competência para a área técnica decidir sobre as ações, submetendo ao colegiado só casos de provimento do ressarcimento ou considerados mais relevantes.

Os ativos cobertos pelo MRP são negociados e listados em Bolsa, como ações, derivativos e fundos imobiliários. Títulos de renda fixa e mercado de balcão não estão inclusos. Um exemplo de pedido de ressarcimento é uma ordem de compra ou venda que não foi cumprida corretamente porque o home broker da corretora estava fora do ar, por exemplo. Outra situação prevista é o caso de liquidação de uma corretora de valores.

Estrangeiros retiram R\$ 7 bi da B3 em julho

Broadcast

A maior incerteza diante da variante Delta da covid-19, que se tornou dominante em vários países, gerou preocupação sobre o crescimento global e motivou o investidor

estrangeiro a retirar recursos da Bolsa brasileira em julho. Os dados até o dia 28 mostram uma saída de R\$ 7 bilhões, interrompendo um ciclo positivo desde março, com impulso da grande liquidez global e do otimismo com o avanço da vacinação.

Os dados da B3 mostram uma maior preocupação dos investidores com a recuperação da economia em todo o mundo e a possibilidade, com a variante Delta, de imposição de novas restrições – o que motiva a busca por ativos mais seguros, com a retirada de dinheiro de países emergentes. “Essa saída em julho pode ser interpretada como uma reavaliação menos otimista do crescimento global”, afirma Tony Volpon, ex-diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central e estrategista-chefe da gestora WHG.

Apesar da onda de retirada de recursos em julho, o saldo no ano segue positivo em R\$ 41 bilhões, conforme dados da Bolsa. O dado de fluxo de investimentos não considera a entrada de recursos de estrangeiros para a participação em ofertas de ações, que ganharam corpo recentemente com a abertura de capital de novas empresas.

No ano passado, o fluxo de capital estrangeiro na Bolsa brasileira foi negativo em R\$ 32 bilhões. “Houve uma correção no mercado. Em relação ao mercado brasileiro, há ainda preocupações em torno da desaceleração da economia chinesa e como isso pode afetar os preços das commodities”, diz Volpon. Para o economista, o movimento tende a ser passageiro e ele não vê, até o momento, chance de o mercado voltar a operar com perspectivas recessivas. “Em até dois meses voltaremos à trajetória de recuperação.”

Para João Leal, economista da Rio Bravo, gestora fundada pelo ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco, a fragilidade do ambiente institucional no Brasil amplifica esse resultado negativo. “A reforma tributária recentemente apresentada pelo governo merece destaque, devido às mudanças propostas para a tributação de dividendos. Essa insegurança jurídica é especialmente danosa.”

Assessoria de Comunicação – Sedet
Fone: (85) 3444.2900
www.sedet.ce.gov.br

INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	1,45	2,67	-3,56	5,77
Brasil	1,78	1,41	-4,06	4,85

VALOR CORRENTE DO PRODUTO INTERNO BRUTO ANUAL (PIB) (R\$ MILHÕES) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	155.903,82	166.959,80	168.285,73	188.355,17
Brasil	7.004.141,00	7.407.023,57	7.447.858,25	8.263.567,80

PARTICIPAÇÕES PIB ANUAL (%) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
PIB_CE/PIB_BR	2,23	2,25	2,26	2,28
Participações População (%)	4,35	4,35	4,34	4,33

Fonte: IBGE e IPECE.

Notas: (*) Valores estimados, sujeitos a revisão; (**) Valores projetados, sujeitos a revisão; Atualizado em 17/06/2021.

CONTAS EXTERNAS DO CEARÁ (US\$ MILHÕES) (JAN-JUN)				
	2018	2019	2020	2021
Exportações	1.025,65	1.130,41	951,02	1.071,64
Importações	1.305,02	1.097,79	1.206,18	1.540,16
Saldo Comercial	-279,37	32,62	-255,16	-468,52

Fonte: MDIC.

ESTOQUE DO VOLUME DE CRÉDITO				
	2018	2019	2020	2021 (Até maio)
Brasil (R\$ Tri)	-	3,48	4,02	4,18
Ceará (R\$ Bi)	71,32	76,77	87,14	89,31

Fonte: Banco Central.

PRINCIPAIS ÍNDICES				
ATIVIDADE (Acumulado até Maio) (base: igual mês ano anterior) (%)				
	2018	2019	2020	2021
Produção Física Industrial	0,7	2,8	-22,1	25,3
Pesquisa Mensal de Serviços	-9,3	-3,1	-11,7	2,8
Vendas Mensais do Varejo Comum	3,6	-0,8	-17,8	5,1
Vendas Mensais do Varejo Ampliado	5,0	2,8	-17,2	19,2
INFLAÇÃO (Acumulado até Maio)				
	2018	2019	2020	2021
IPCA - BRASIL	3,75	4,31	4,52	3,77
IPCA - FORTALEZA	2,9	5,01	5,74	5,11
INPC	-	4,48	5,45	3,95
IGP-M	7,54	7,3	23,14	15,08

Fonte: IBGE e FGV.

MERCADO DE TRABALHO - CEARÁ				
INDICADOR	2018	2019	2020	2021.1
Desocupação (%)	10,1	10,1	14,4	15,1
Nível de ocupação (%)	50,3	50,8	42,8	40,4
População em idade de trabalhar	7.312 (100%)	7.410 (100%)	7.620 (100%)	7.623 (100%)
	4.088	4.185	3.808	3.631
Força de trabalho (mil)	(56%)	(56%)	(50%)	(48%)
Ocupada (mil)	3.676	3.762	3.259	3.082
Formal (mil)	1.630	1.702	1.534	1.422
Informal (mil)	2.046	2.060	1.725	1.660
Desocupada (mil)	412	423	549	549
Fora da Força de trabalho (mil)	3.224 (44%)	3.225 (44%)	3.812 (50%)	3.992 (52%)
Desalentados (mil)	328	358	466	466
Rendimento médio real habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas (R\$)	1.525	1.685	1.656	1.766

Fonte: IBGE (PNAD Contínua).

ESTOQUE DE EMPREGO FORMAIS							
REGIÃO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	2021* (Até junho)
Ceará	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704	1.509.818	1.523.888	1.547.833
Nordeste	8.899.279	8.436.203	8.543.651	8.647.237	8.683.272	8.704.922	8.829.593
Brasil	48.060.807	46.060.198	46.281.590	46.631.115	47.554.211	47.633.520	48.866.892

Fonte: RAIS/ME e NOVO CAGED.

* O estoque de empregos 2020: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020.

** O estoque de empregos 2021: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020 e 2021.

CADASTRO GERAL DE DESEMPREGADOS E EMPREGADOS DO CEARÁ (JAN-MAIO)		
Indicadores	2020	2021
Contratações	136.612	182.814
Demissões	181.915	158.869
Saldo de Empregos Gerados	-45.303	23.945

Fonte: NOVO CAGED.

ABERTURA/FECHAMENTO DE EMPRESAS NO CEARÁ (JAN - JUN)				
ESPECIFICAÇÕES	2018	2019	2020	2021
Abertura	35.121	40.957	38.404	55.775
Fechamento	57.673	15.613	13.265	17.844
Total	-22.552	25.344	25.139	37.931

Fonte: JUCEC.

PECEM - TOTAL DE MOVIMENTAÇÃO DE CARGA (TONELADAS) (JAN-JUN)				
PERÍODO	2018	2019	2020	2021
	8.594.172	7.416.995	8.025.916	10.038.097

Fonte: CIPP.